

o Círio de Olhalvo *à Senhora da Nazaré*



Memória Imaterial CRL
2025

Webpage e documentário: <https://memoriamedia.pt/index.php/tradicao/cirio-de-olhalvo>

Introdução

Os Círios no concelho de Alenquer representam uma das tradições mais antigas e enraizadas da região. Desde a Idade Média, comunidades organizam peregrinações anuais honrando promessas, romarias que envolvem procissões com estandartes e imagens sagradas, deslocações a Santuários ou Ermidas, missas campais e rituais carregados de simbolismo. Para além de celebrações religiosas, estes eventos funcionam como polos de união local de elevada importância comunitária: as famílias preparam juntas a festa, organizam peditórios para financiar as comemorações e transmitem a tradição de geração em geração.

O Círio de Olhalvo à Senhora da Nazaré constitui uma das mais duradouras manifestações culturais de cariz religioso do concelho de Alenquer, contando com uma história que lhe confere mais de cinco séculos. Enraizado na Freguesia de Olhalvo, este Círio anual representa um pilar fundamental da identidade cultural e social das comunidades de Olhalvo, Penafirme da Mata e Pocariça.

O trabalho aqui apresentado — contextualização teórica e recolha/registo etnográfico do Círio de Olhalvo — explora as origens históricas, a caracterização e evolução da prática, o património material e imóvel associado, e as perspetivas para a sua continuidade no futuro. A abordagem metodológica baseia-se na interligação de fontes primárias e secundárias, com testemunhos orais registados entre 2024 e 2025 nas diferentes localidades que participam nesta celebração. De referir que o registo etnográfico do Círio foi concretizado em setembro de 2024, ano em que a sua organização esteve sob a responsabilidade da localidade da Pocariça, através da Associação Recreativa.

Para além do Círio de Olhalvo à Senhora da Nazaré, que será aqui abordado, importa referir outros dois Círios ainda em atividade no concelho de Alenquer: o Círio da Labrujeira, que conduz os fiéis até à Ermida de São Jorge no último fim de semana de agosto (uma curta distância dentro do concelho de Alenquer) e o Círio de Vila Chã, celebrado em torno de 8 de setembro, em honra de Nossa Senhora da Misericórdia (Moita de Ferreiros). Nestas ocasiões, os moradores das aldeias — incluindo localidades vizinhas como Casais Galegos — juntam-se para acompanhar a Bandeira do Círio até ao destino sagrado, cumprindo rituais seculares de fé e agradecimento. É comum realizar-se uma missa solene no local de devoção, seguida de convívio festivo, o que reforça o caráter comunitário do evento.

No concelho, já extintos, mas à época de grande prestígio e muito frequentados, eram os Círios a Santa Quitéria de Meca, os Círios a Nossa Senhora da Piedade da Merceana e o Círio de Casais Brancos e Vale Benfeito à Senhora dos Remédios em Peniche.

A relevância dos Círios para as comunidades envolvidas é multifacetada. São eventos vividos como uma parte intrínseca da identidade local. Por exemplo, os participantes assíduos do Círio de Olhalvo

à Senhora da Nazaré, Nelson Costa (Olhalvo) e Susana Valente (Pocariça), expressam esta profunda ligação ao afirmar que o Círio é “parte da nossa história” e “faz parte de nós”, funcionando como um elemento que “identifica as pessoas” e serve como uma referência forte para as suas vidas. Para além da sua dimensão identitária, o Círio é um catalisador de coesão social. O Padre João Sobreiro, da paróquia de Olhalvo, descreve-o como um evento de “comunhão e fraternidade” que gera “relação” entre os participantes, promovendo um sentido de união e pertença.



Foto 1- Chegada do Círio ao Santuário da Nossa Senhora da Nazaré (2024)

Parte I: Contexto Histórico e Origens da Devoção

1.1. A Lenda e o Culto à Senhora da Nazaré

O culto a Nossa Senhora da Nazaré teve início com a construção da primitiva Igreja mandada erigir pelo Rei D. Fernando em 1377 para albergar a venerada imagem da Virgem com o Menino ao colo, esculpida em madeira de oliveira policromada, alegadamente escondida durante a invasão islâmica e redescoberta mais tarde (Penteado, 1998; Santa Maria, 1707-1722). Segundo o Padre João Sobreiro, a imagem da Senhora de Nazaré, à semelhança de muitas outras imagens de santos, foi escondida durante as invasões islâmicas para evitar a sua profanação, sendo posteriormente redescoberta e associada a milagres.

A lenda central do culto é a do milagre de D. Fuas Roupinho, alcaide de Porto de Mós, que, ao caçar um veado, num dia de nevoeiro, em 1182, foi salvo de uma queda no precipício do Sítio pela intervenção da Virgem, após invocar o seu nome. Este episódio lendário reforçou a devoção mariana na região e levou à construção do Santuário no local, conhecido como “o Sítio”. Este local tornou-se, desde então, o mais antigo e importante Santuário Mariano português, recebendo sucessivas ampliações e benefícios ao longo dos reinados de D. João I, D. João II e D. Manuel, sempre sob a proteção régia.



Foto 2 - Capela do Bico da Memória, Nazaré

O templo atual, datado do final do século XVII, integra características barrocas e destaca-se pelas suas torres sineiras e pela galeria alpendrada de lioz mandada construir por D. Manuel para acolher os romeiros.

O culto à Senhora da Nazaré propagou-se intensamente por todo o país, tornando o Santuário do Sítio um dos mais importantes centros de peregrinação em Portugal, especialmente nos séculos XVII e XVIII. O Sítio era percebido como um ponto de encontro entre o divino e o humano, onde a Virgem atuava como conciliadora e protetora dos homens.

O Santuário da Nazaré atraía numerosos Círios e confrarias de diversas regiões de Portugal, como Porto de Mós, Alcobaça, Alhandra, Leiria, Sintra, Mafra, Colares, Lisboa, Óbidos, Coimbra, Penela, Santarém e Caldas. O Círio da Prata Grande, da região de Mafra e Sintra, ainda em vigor, é exemplo de uma peregrinação coletiva que se destaca pela sua antiguidade e opulência.

As peregrinações coletivas eram frequentemente organizadas por confrarias ou irmandades, que promoviam o culto da Senhora. Estas confrarias refletiam as hierarquias sociais e económicas das suas comunidades, com os seus oficiais a exibirem o seu poder e a opulência dos festejos. O período de maior afluência de Círios decorria entre maio e outubro, coincidindo com a época das colheitas, permitindo aos peregrinos agradecer à Virgem as boas safras. Pedro Penteado, estudioso do Santuário da Nazaré, enfatiza que os Círios foram uma forma de manifestação coletiva de fé, inserindo-se num movimento mais amplo de peregrinações marianas em Portugal, que se multiplicaram a partir do século XVII (1991).



Foto 3 - Preparação de um trator para o Círio de Olhalvo com a imagem do milagre de D. Fuas

1.2. As Raízes do Círio de Olhalvo

A história do Círio de Olhalvo à Senhora da Nazaré é construída cruzando a memória oral, a devoção popular e uma lacuna de registos históricos formais. A data de 1502 é constantemente referida pelos praticantes como o marco inaugural das peregrinações de Olhalvo à Senhora da Nazaré, conferindo à tradição uma longevidade que ultrapassa os quinhentos anos. Esta data, contudo, não encontra confirmação em documentos históricos, baseando-se na tradição oral que, de geração em geração, tem transmitido esta informação.

A ligação à data de 1502 é referida num artigo de um periódico local — “O Nosso Jornal” — de 1963, escrito pelo Padre José Vieira Marcos, antigo pároco de Olhalvo, e pelo Professor António Guapo, que, através das suas pesquisas, apontam este ano como o ponto de partida da tradição. Nesse artigo, referem: “Quer uma voz popular, transmitida de boca em boca, que o Círio se realiza desde há 400 anos e tal (há precisamente quatrocentos e sessenta e um). Nada se descobriu nos livros do Santuário que o desminta ou o confirme.”

Mas porquê esta data? O culto a Nossa Senhora da Nazaré ocupa um lugar de destaque na história marítima e espiritual portuguesa. Segundo documentação histórica, Vasco da Gama, antes da sua partida para a Índia, deslocou-se ao Santuário da Nazaré para pedir proteção divina para a sua expedição (Brito Alão, 1628-1637). Segundo a tradição oral, vários ilustres e habitantes da freguesia de Olhalvo, com ligações à atividade marítima, teriam acompanhado Vasco da Gama ao Santuário da Nazaré. Embora não existam documentos históricos que confirmem esta participação, esta é a referência que marca a narrativa local sobre a origem da celebração. Contudo, a partida para a primeira viagem de Vasco da Gama à Índia realizou-se em 1497 e a data fixada pela tradição oral e que passou a ser evocada como o marco inicial das peregrinações de Olhalvo à Senhora da Nazaré foi 1502.

Ora, conta a lenda que Vasco da Gama quando peregrinou ao Sítio da Nazaré, em sinal de devoção, trocou a sua corrente de ouro pelo rosário da imagem de Nossa Senhora da Nazaré, simbolizando a sua entrega e confiança na intercessão mariana. Durante a travessia do Cabo das Tormentas, enfrentando uma violenta tempestade, lançou o rosário ao mar, invocando ajuda divina. Milagrosamente, a tempestade acalmou, permitindo que a frota sobrevivesse ao desafio. Ao regressar a Portugal, após 1499, sem que se conheça o ano exato, Vasco da Gama teria voltado ao Santuário como romeiro para agradecer a proteção recebida e, como sinal de gratidão, ofereceu à imagem de Nossa Senhora um rico manto, que se tornou ex-voto e testemunho material da sua fé. Mais tarde, com o objetivo de consolidar o domínio português no Índico e impor acordos comerciais e militares, Vasco da Gama realiza uma segunda viagem à Índia, essa sim com partida a 12 de fevereiro de 1502.

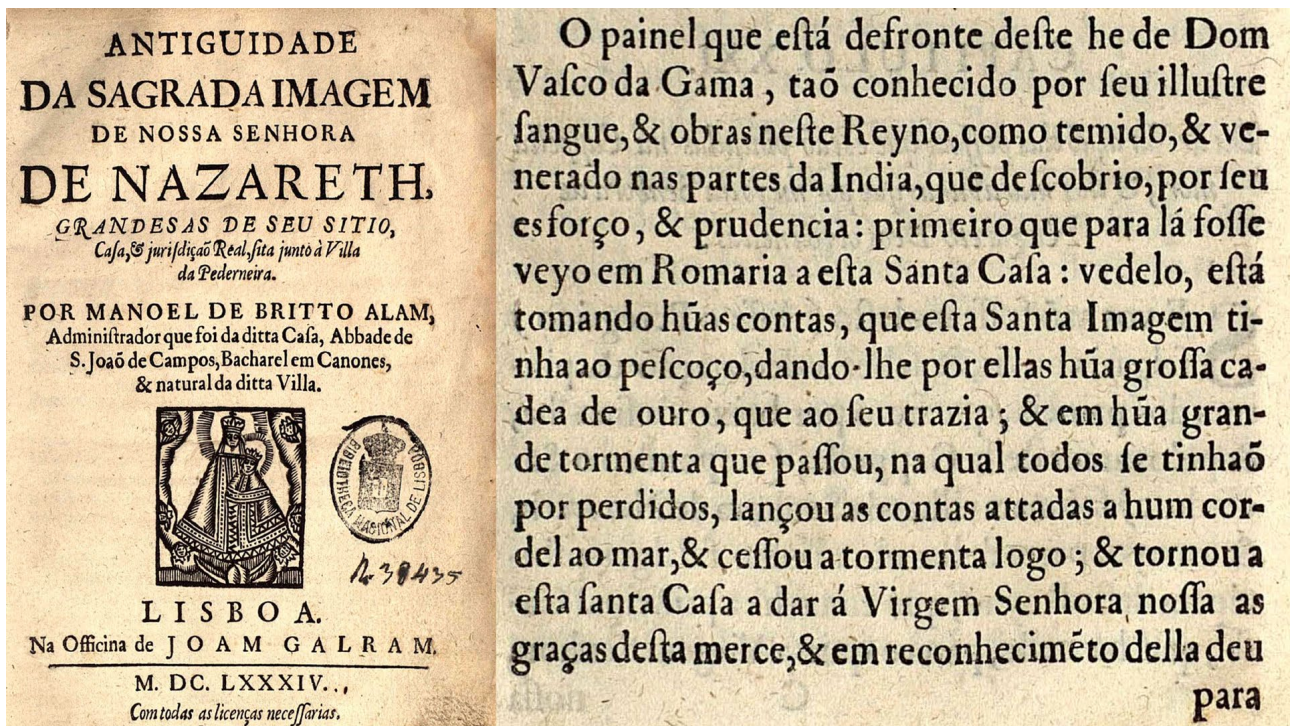


Foto 4 - Relato das visitas de Vasco da Gama à Capela do Bico da Memória, 1628

A referência a 1502 como marco fundador da celebração de Olhalvo poderá, assim, ser o resultado da referência cruzada entre a segunda vinda de Vasco da Gama à Nazaré e a data da segunda viagem que este navegador fez à Índia.

Francisco Cipriano, ressalva, contudo, que em 1502 ainda não existia uma celebração religiosa formalmente designada como “Círio” na sua forma atual, mas sim “peregrinações” e “promessas”, sugerindo que a formalização da prática devocional, tal como hoje a conhecemos, com o nome de “Círio”, terá tido o seu início a partir do século XVII.

O termo “Círio” deriva do latim “*Cereus*” que significa “vela grande”. O Círio, na sua essência, representa uma vela ou uma promessa feita, neste caso, à Senhora da Nazaré. Esta etimologia sublinha a natureza votiva da peregrinação, onde a vela simboliza a fé e o cumprimento de um voto. A evolução do termo de “vela” para “procissão que leva a vela grande” e, posteriormente, para a própria peregrinação coletiva, reflete a formalização e o alargamento do significado da prática.

Outra referência que liga a celebração de Olhalvo à navegação marítima prende-se com o facto de Tristão da Cunha, nomeado vice-rei da Índia, que comandou uma armada à Índia em 1506, estar sepultado em Olhalvo, na Igreja de Nossa Senhora da Encarnação. Para além da narrativa não afirmar explicitamente que Tristão da Cunha tenha acompanhado Vasco da Gama na visita ao Santuário, este fator, e o facto da devoção à Senhora da Nazaré ser comum entre os marinheiros da época, parecem ter contribuído para associar simbolicamente a figura de Tristão da Cunha às motivações de devoção marítima, ligando o Círio de Olhalvo, as histórias locais e as memórias

familiares à grande epopeia dos Descobrimentos. Francisco Cipriano, que esteve envolvido na organização do Círio a partir do final dos anos 60 (por Olhalvo e por Penafirme da Mata), enfatiza esta conexão histórica.

A motivação primordial para a origem do Círio encontra-se ainda intrinsecamente ligada ao cumprimento de promessas feitas à Senhora da Nazaré. Uma das razões mais frequentemente citadas é o pedido de chuva em tempos de grande seca. Testemunhos orais reforçam a ideia de que a tradição começou durante um ano de “muita seca” (supostamente 1502), quando a comunidade recorreu à Senhora da Nazaré para salvar as colheitas, iniciando assim os votos e romagens que evoluíram para o Círio.

Francisco Cipriano, recorda que ao longo dos anos são frequentes promessas relacionadas com a chuva, tanto para que chovesse em tempos de estiagem como para que parasse de chover em excesso. Hernâni de Lemos Figueiredo, num artigo que escreve sobre o culto, também menciona a possibilidade de a romaria ter sido motivada por “alguma calamidade que atormentou a região, como a seca, algum desastre, a peste ou outra qualquer doença” (2006, pp.4). Em relação a este motivo, embora não existam registos documentais de uma seca ou episódio meteorológico específico no ano referido, o contexto da Pequena Idade do Gelo (séculos XV–XVI), com variabilidade climática e episódios de seca em Portugal, torna plausível a referência oral a essas calamidades. Em entrevista, o Padre João Sobreiro refere que, durante a “mini-era glacial” na Europa medieval, as colheitas foram severamente comprometidas, “levando o povo a procurar auxílio na Senhora da Nazaré”.



Foto 5 - Fotografias antigas do Círio com os praticantes a deslocarem-se em carroças de tração animal

1.3. Como era antigamente o Círio de Olhalvo

Depois do Santuário da Nazaré ter mudado as suas festas de 5 de agosto para 8 de setembro (séc. XVIII), o Círio de Olhalvo à Senhora da Nazaré — que se realizava em “carroças, charretes e galeras”, durando a viagem de Olhalvo à Nazaré dois dias — partia quarta-feira, entre o dia 8 e o 3.º domingo de setembro (ainda hoje o Círio não pode entrar no recinto do Santuário antes do dia dos festejos locais). De quarta para quinta-feira os peregrinos faziam pernoitas em pensões ou “a monte”, nas Caldas da Rainha. João Cipriano, residente em Penafirme da Mata, recorda que a sua primeira ida à Nazaré, aos nove anos, foi numa carroça, com pernoita nas Caldas.

Em 1972, deu-se a transição para a utilização dos tratores, tornando a viagem mais rápida e permitindo que as pessoas aproveitassem a estadia na Nazaré como “miniférias”. Nelson Costa sublinha: “Hoje com os tratores é mais rápido, mas o espírito é o mesmo”.

A entrada solene e oficial do Círio no Santuário de Nossa Senhora da Nazaré acontecia à sexta-feira, e a chegada ao Olhalvo acontecia ao domingo, com festa na segunda e terça-feira seguintes. A partir de 1991, como os participantes são maioritariamente empregados, com compromissos de trabalho fixo (o que não acontecia antigamente, quando os peregrinos eram predominantemente trabalhadores agrícolas), a entrada oficial no Santuário passou para o sábado. A chegada a Olhalvo continua a acontecer ao domingo, mas já não há programa de festas nos dias de semana subsequentes. José Damião Inácio, presidente da Associação Recreativa da Pocariça, refere que, antigamente, as festas prolongavam-se por quatro dias inteiros (sábado a terça-feira, com um baile popular), mas atualmente, com as exigências da vida profissional, as festas já não se prolongam pelos dias da semana.

A evolução da jornada do Círio, desde os sacrifícios das viagens em carroça até à modernização com tratores e a adaptação dos dias de celebração, demonstra a adaptação do ritual. A tradição mantém os seus elementos-chave — a peregrinação, a estadia na Nazaré, as paragens rituais (São Mamede, Óbidos), a bênção inicial, a procissão e outros elementos, mas foi objeto de diversas mudanças logísticas.



Foto 6 - O "Chora", atrelado que usualmente lidera o Círio de Olhalvo (2024)

Parte II: Descrição Detalhada do Círio de Olhalvo

2.1. A Organização e o Peditório Comunitário

A organização do Círio de Olhalvo é partilhada entre as três localidades que compõem a freguesia: Olhalvo, Penafirme da Mata e Pocariça. Este sistema de rotatividade evita que a responsabilidade recaia sempre sobre o mesmo grupo, incentivando a participação de todas as comunidades. Antigamente essa organização era da responsabilidade de “comissões” — de pessoas que, localmente, eram nomeadas ou se voluntariavam para essa função—, atualmente a organização do Círio é da responsabilidade da Paróquia de Olhalvo, do Centro Cultural e Desportivo de Penafirme da Mata e da Associação Recreativa da Pocariça.



Foto 7- Peditório para o Círio de Olhalvo (2024)

O peditório, realizado no sábado antes da partida do Círio, é um momento importante na preparação da celebração, com o propósito de angariar fundos para suportar os custos da organização. É realizado porta a porta, percorrendo as localidades da freguesia. A colaboração é voluntária, com a participação de gerações mais velhas e mais novas (em 2024, este peditório aconteceu a 7 de setembro).

A organização do peditório é da responsabilidade da localidade que tem a seu cargo, naquele ano,

a organização do Círio. A Bandeira com a imagem de Nossa Senhora é levada às casas dos residentes das 3 localidades. Susana Valente, da Pocariça, que participou na organização do Círio de 2024, sublinha que é “como se levássemos Nossa Senhora à casa de cada pessoa” e há quem beije a figura da Nossa Senhora pregada nessa Bandeira, atribuindo um significado pessoal ao momento.

A Gaita de Foles desempenha um papel fundamental neste processo, acompanhando o peditório e anunciando a sua chegada, o que faz com que as pessoas da comunidade saibam o que está a acontecer e respondam à chamada.



Foto 8 - Ana Margarida Silva e Joaquim Silva, Gaiteiros do Círio de Olhalvo (2024)

A Gaita de Foles é um instrumento musical “imprescindível” que acompanha todo o Círio, desde o peditório até ao regresso. Joaquim Silva, um dos gaiteiros, salienta a sua preocupação em manter o reportório tradicional dos gaiteiros da zona, incluindo cânticos religiosos e hinos litúrgicos que são interpretados durante as entradas na Igreja e nas procissões. Este acompanhamento musical contínuo confere uma atmosfera tradicional à peregrinação, reforçando a sua identidade sonora. Margarida Silva, gaiteira, filha de Joaquim, reforça a importância deste reportório tradicional, que considera uma parte essencial da vivência comunitária do Círio.

José Damião Inácio, presidente da Associação Recreativa da Pocariça, e João Cipriano de Penafirme da Mata explicam que, antigamente, as festas eram também financiadas por “peditórios de lista” feitos especificamente aos residentes da localidade que organizava o Círio, com cada família a dar o que podia e ficando registado cada um dos contributos. Nos últimos anos já não se faz esse peditório anotado.

2.2. A Jornada e os Rituais da Peregrinação

No ano de 2024 o Círio de Olhalvo à Senhora de Nazaré partiu na quarta-feira, dia 11 de setembro. A concentração dos tratores, engalanados, ocorreu no Largo João Cristo, na Pocariça, junto à Associação Recreativa da Pocariça (10 tratores, 2 carrinhas de caixa aberta e 2 ciclistas). Noutros anos, os tratores concentram-se na localidade responsável pela organização da celebração (Olhalvo ou Penafirme da Mata).



Foto 9 - Concentração dos tratores antes da partida do Círio com o Guião e a Cruz, no Largo João Cristo, Pocariça (2024)

Todos os anos, independentemente da localidade, os tratores dirigem-se à Igreja Paroquial de Olhalvo antes da partida, onde o pároco aguarda os peregrinos para um acolhimento e para a bênção do caminho.

João Pedro, da Pocariça, proprietário de um trator, descreve com entusiasmo esta fase: “As pessoas gostam muito de ver o Círio a passar, e interagem muito connosco. Acenam, nós acenamos, é bonito”. Cada trator é engalanado com palmeiras, murta, festões, bandeirinhas e flores artificiais, testemunhando a dedicação de cada família.

De Olhalvo, os tratores, que transportam os devotos e as insígnias sagradas – o Guião e a Bandeira da Senhora da Nazaré com a Cruz de prata – partem para a peregrinação. O trajeto inclui a passagem por diversas localidades, como Atalaia, Vila Verde dos Francos, Vilar, Pero Moniz, Bombarral, São Mamede, Óbidos, Caldas da Rainha, Tornada, Salir, São Martinho, Alfeizerão e Famalicão.

O percurso inclui várias paragens significativas. A primeira é em São Mamede, onde se realiza um peditório e as Bandeiras entram na Capela de São Lourenço para um momento de oração e reflexão.

Segue-se uma paragem em Óbidos, na Igreja do Senhor da Pedra, onde os tratores dão três voltas à Igreja. Este ato é profundamente simbólico, associado às três localidades que compõem a Freguesia de Olhalvo, reforçando a união e a representatividade de toda a freguesia. O Padre João Sobreiro explica ainda que as três voltas também simbolizam a Santíssima Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo —, representando assim a plenitude e a identidade cristã.



Foto 10 - Chegada do Círio à Igreja do Senhor da Pedra, Óbidos (2024)

Em Óbidos os peregrinos almoçam, geralmente em estilo piquenique partilhado e, desde os anos 70, antes da partida para a Nazaré realiza-se, na Igreja do Senhor da Pedra, uma breve cerimónia que reforça o carácter religioso da festa.

Após Óbidos, o percurso do Círio de Olhalvo prossegue até à Nazaré. A chegada à Vila ocorre na própria quarta-feira, sendo um momento de instalação e preparação da celebração, sem eventos formais. Nelson Costa, peregrino de Olhalvo, menciona que, ao chegarem à Nazaré, os tratores são estacionados e as Bandeiras e o Guião são guardados no Santuário. Alguns peregrinos voltam para as suas terras e retornam para as celebrações no sábado, mas a maioria aproveita para tirar umas “miniférias” e pernoitam na Nazaré. Cada família arranja o seu alojamento.

Antigamente, as condições de alojamento na Nazaré eram bastante diferentes. Nelson Costa recorda que os participantes ficavam na “casa do Círio”, um espaço cedido pelo Santuário. Nesse local, todos dormiam no chão, em colchões improvisados, num ambiente de grande animação e “paródia”. Francisco Cipriano, do Olhalvo, também descreve este forte convívio na “casa do Círio”, onde todos ficavam juntos, partilhando refeições e histórias, muitas vezes dormindo no chão. João Cipriano refere que “havia que garantir a hospedagem das pessoas em casas emprestadas ou em salas cedidas pela Confraria da Nazaré”, onde se dormia em colchões de palha e se partilhavam cobertores e esteiras.

No entanto, as condições atuais são distintas. João Cipriano observa que “hoje, as condições mudaram significativamente: já não há casas disponíveis para alojar os participantes, e quem quer pernoitar na Nazaré tem de pagar, o que torna a experiência diferente”. Apesar destas mudanças, Nelson Costa salienta que, embora a “paródia” não seja a mesma, ainda há quem opte por ficar numa casa do Santuário (diferente da original), mesmo pagando, preservando o espírito comunitário da tradição.



Foto 11 - Chegada do Círio à Marginal da Nazaré (2024)

2.3. As Celebrações no Santuário da Nazaré

No sábado de manhã, ocorre a entrada oficial do Círio no Santuário da Nossa Senhora da Nazaré, que inclui a entrada da Banda da Sociedade Filarmónica Olhalvense seguida dos tratores que dão, novamente, três voltas ao Santuário parando, depois, no recinto, de frente para a Igreja.

A comunidade da Cardiceira, freguesia do concelho de Torres Vedras, demonstra a sua fé ao juntar-se ao Círio neste dia. Nelson Costa destaca a consistência da participação desta comunidade, observando que os seus membros marcam presença anualmente. A Bandeira e Cruz da Cardiceira são frequentemente transportadas nos tratores do Círio de Olhalvo, partilhando a entrada solene no Santuário. Nelson Costa esclarece que, por vezes, uma carrinha é utilizada para transportar a Bandeira e Cruz da Cardiceira, mas na maioria das ocasiões, estas são colocadas num trator do Olhalvo, seguindo as Bandeiras da paróquia, para a entrada conjunta.



Foto 12 - Bandeira e Cruz da comunidade da Cardiceira, que se junta ao Círio de Olhalvo (2024)

Depois da entrada oficial, a cerimónia inicia-se com o acolhimento público do Círio pelo Padre da Nazaré à entrada do Santuário, um momento de boas-vindas que antecede a missa solene. Segue-se a entrada das insígnias na Igreja, onde a imagem da Nossa Senhora da Nazaré, do próprio Santuário, já se encontra num Andor decorado com flores.

Celebra-se então uma missa solene com a participação dos padres da Nazaré e de Olhalvo, seguida da procissão— o “ponto alto dos festejos e da devoção à Senhora da Nazaré”.

A procissão percorre o recinto em frente ao Santuário. O Guião e as Bandeiras da paróquia de Olhalvo seguem à frente, acompanhados pela Bandeira e Cruz da Cardiceira e pela Gaita de Foles. Segue depois o Andor com a Imagem da Nossa Senhora da Nazaré, levado usualmente por duas pessoas do Círio do Olhalvo e duas pessoas da Cardiceira, ou alguém que esteja a cumprir alguma promessa. No final, antes dos devotos, desfila a Banda da Sociedade Filarmónica Olhalvense e as individualidades institucionais (representantes do Município de Alenquer, da Freguesia do Olhalvo, das localidades organizadoras e outras entidades).



Foto 13 - Andor com a imagem da Nossa Senhora da Nazaré (2024)

No Sítio faz-se uma paragem para oração e depois regressa-se à Igreja, onde o Padre de Olhalvo profere uma bênção. Por fim, as insígnias recolhem à Igreja, permanecendo ali até ao dia seguinte, quando se inicia o regresso a Olhalvo.

2.4. O Regresso e o Encerramento em Olhalvo

No domingo, o Círio regressa ao Olhalvo, despedindo-se do Santuário da Nossa Senhora da Nazaré logo cedo, pela manhã — com uma representante dessa instituição a vir à entrada com a chave do Santuário para dizer adeus aos peregrinos que partem nos seus tratores.

O percurso de volta é semelhante ao da ida, mas com algumas alterações, como a omissão da paragem em São Mamede. No caminho de volta, também já não se passa por Alfeizerão, indo por dentro de São Martinho e saindo na Tornada. O almoço de convívio acontece novamente em Óbidos, onde também dão as três voltas à Igreja do Senhor da Pedra. Por vezes, os peregrinos entram na igreja, outras não, dependendo se está aberta.

A chegada a Olhalvo tem hora marcada, por volta das quatro da tarde, e é um dos pontos altos do regresso. No Cruzeiro, à entrada de Olhalvo, organiza-se uma procissão até à Igreja de Nossa Senhora da Encarnação. A Banda e três cavalos aguardam para este momento simbólico. Como antigamente o Guião era transportado por cavalos, mantém-se essa tradição.



Foto 14 - Chegada do Círio a Olhalvo (2024)

Quando chegam a Olhalvo, muitos esperam os peregrinos no Adro da Igreja. Os tratores dão as três “voltas do Círio” e há um sermão de chegada. Se o Círio for de Penafirme ou da Pocariça, o ciclo encerra-se na respetiva terra. Em 2024, o encerramento final do Círio ocorreu com a chegada dos tratores ao local de partida na Pocariça, junto à sede da Associação, onde a Banda Filarmónica deu um concerto final. Antigamente, as festividades de encerramento duravam segunda e terça-feira, com bailes e outras celebrações, mas estas foram extintas devido às exigências laborais modernas.

Parte III: Património Material e Imóvel Associado

3.1. Insígnias e Símbolos do Círio

O Círio é encabeçado pelo “Guião” (uma Cruz) e por duas Bandeiras da Senhora da Nazaré, que são propriedade da Paróquia de Olhalvo. Uma das Bandeiras possui uma Cruz de prata, que, apesar de antiga, é mantida e reparada.



Foto 15 – Guião e Bandeiras do Círio do Olhalvo (2024)

As insígnias são sempre as mesmas, independentemente da localidade organizadora, o que lhes confere um carácter de continuidade e unidade para a freguesia. De acordo com o texto de Hernâni de Lemos Figueiredo (2006), as insígnias do Círio de Olhalvo possuem detalhes de grande valor histórico e artístico. Em particular, as hastes das Bandeiras e do Pendão, assim como a Cruz deste, são em prata lavrada, o que denota a sua antiguidade e a importância que lhes era atribuída. Num dos anéis da haste da Cruz encontra-se uma inscrição que fornece informações sobre a sua proveniência e propósito: “*He da Freguesia de N. Sr^a da Incarnação do Lugar de Ilhalvo do Sírrio dos Mordomos de N. Sr^a da Nazaré Feita no Mês de Agosto de...*”. O autor refere que ainda há cerca de 20 anos, “num dos anéis de prata que cobriam, de alto a baixo, a haste que suporta a Cruz, havia uma gravação onde constava que esta Cruz de Prata tinha sido oferta da família Correia, de Penafirme da Mata, na altura mordomos do Círio; hoje, não se sabe quem era essa família e o anel desapareceu, assim como todos os outros, com a exceção daquele onde se encontra a primeira gravação, apesar de mutilada, porquanto desapareceu o local da data (1798)”(pp.5).

O Andor com a Imagem da Nossa Senhora da Nazaré, do Santuário da Nazaré, está presente na

missa de sábado e na procissão.

Os tratores que participam no Círio são cuidadosamente “engalanados” e enfeitados. A decoração inclui elementos fixos, como “telhadinhos com plástico” para proteção contra a chuva, e palmeiras, que são colocadas no dia anterior à partida para evitar que sequem. Além disso, são utilizados festões, laços, bandeirinhas e cópias com a cena do milagre de D. Fuas Roupinho. A decoração é uma tradição familiar, onde cada família personaliza o seu transporte.

O “Chora” é um veículo distintivo do Círio de Olhalvo, descrito como um tipo carruagem com bancos corridos. Testemunhos recordam que, nos anos 70 e 80, havia dois “Choras” que eram cedidos ao Círio, eram as carruagens que, antes de haver ascensor na Nazaré, serviam para transportar as pessoas até ao Sítio. Entretanto danificados, um residente do Olhalvo restaurou um reboque e construiu um novo “Chora”, agora da sua propriedade. Quando presente, o “Chora” vai à frente da procissão, levando o Guião, o Padre e o gaiteiro, liderando o cortejo.

As insígnias, a decoração dos tratores e o “Chora” são símbolos imbuídos de significado que materializam a fé, a história e a identidade da comunidade. A sua manutenção, por vezes com esforço e investimento pessoal, demonstra a resiliência da tradição e o empenho dos participantes.



Foto 16 - Trator engalanado para o Círio (2024)

3.2. Locais de Culto

A jornada do Círio de Olhalvo é pontuada por uma série de locais de culto, entre eles:

- A Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, em Olhalvo — ponto de partida e de encerramento do Círio, onde se recebe a bênção inicial e se celebra a missa de regresso. É também o local onde são guardadas as insígnias;
- As paragens rituais em São Mamede (Capela de São Lourenço) e Óbidos (Igreja do Senhor da Pedra). Estes locais não são meros pontos de descanso, mas sim espaços onde se realizam momentos de peditório (São Mamede), oração e as simbólicas três voltas à Igreja do Senhor da Pedra;
- O Santuário de Nossa Senhora da Nazaré e “o Sítio” é o destino final da peregrinação e o epicentro da devoção. A Capela do Bico da Memória é referida como o local onde as primeiras pessoas a irem à Nazaré em promessa teriam orado, possivelmente com Vasco da Gama.



Foto 17 - Santuário de Nossa Senhora da Nazaré (2024)

Parte IV: O Futuro do Círio

O Círio de Olhalvo é uma tradição transmitida entre gerações. Testemunhos como o de Nelson Costa, que herdou o trator do avô e começou a participar aos 15 anos, ilustram esta forte ligação familiar e a assimilação da tradição como parte integrante do percurso de vida. Tanto Nelson Costa como Susana Valente e João Pedro sublinham a importância de manter viva a tradição que herdaram da família. Susana considera esta tradição “fascinante”, e “não pode deixar de participar”.

O Círio, além do seu propósito devocional, é um evento de coesão social e celebração da identidade. E o empenho de diversas gerações permitiu que a devoção resistisse às mudanças políticas, sociais e económicas, incluindo a revolução de 1910 e as transformações agrícolas do século XX. “Nem nos anos da peste ou da revolução de 1910 deixou de organizar-se”, destaca Hernâni de Lemos Figueiredo (2006). A pandemia de COVID-19 representou um desafio sem precedentes. No entanto, mesmo nesses anos, a devoção manteve-se, com a Bandeira e o Guião a serem levados à Nazaré para uma cerimónia religiosa simbólica.

O futuro próximo do Círio de Olhalvo parece garantido. A tradição é transmitida desde a infância e o envolvimento familiar, desde a preparação dos tratores até à participação na jornada, assegura que o conhecimento e o apego à tradição sejam passados adiante. João Pedro afirma que, com 25 anos, já ensina os mais novos.



Foto 18 - Três gerações de praticantes do Círio, Pocariça (2024)

A comprovada adaptabilidade do Círio é um fator crucial para a sua permanência. A capacidade de ajustar os meios de transporte, os horários e a duração das festividades, sem comprometer o núcleo devocional, demonstra uma flexibilidade que permite à tradição manter-se relevante em contextos sociais em constante mudança. A organização rotativa entre as três localidades da freguesia (Olhalvo, Penafirme da Mata e Pocariça) é um mecanismo que fomenta a comunhão e assegura a permanência da tradição.



Foto 19 - Almoço tradicional durante a paragem em Óbidos (2024)

Bibliografia

Brito Alão, M. (1628-1637). *Antiguidade da Sagrada Imagem de Nossa Senhora da Nazareth*. 2 t. em 2 vol.: il; 4º Lisboa: Pedro Crasbeeck Impressor del Rey.

Figueiredo, H. L. (2006). *Círio de Olhalvo à Senhora da Nazaré: Tradição com mais de 500 anos*. [texto policopiado].

Melo, A. O., Guapo, A. R., & Martins, J. E. (1991). *Concelho de Alenquer (Vol. II)*. Câmara Municipal de Alenquer; Associação de Amigos para o Estudo e Defesa do Património de Alenquer.

Moisés Espírito Santo, *Região Popular Portuguesa*. Lisboa, s.d.

Penteado, P. (1998). *A Nazaré: Lenda, História e Tradição*. Lisboa: Editorial Estampa.

Santa Maria, A. de. (1707-1722). *Santuário Mariano, e História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora que se Veneram em Portugal*. Lisboa: s.n.

Saraiva, José Hermano. *História Concisa de Portugal*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.

Vieira Marcos, José, e António Guapo. "Círio à Senhora da Nazaré" in *O Nosso Jornal* nº10, 1963.

Websites

Biblioteca Nacional Digital - Brito Alão, M. (1628-1637). *Antiguidade da Sagrada Imagem de Nossa Senhora da Nazareth*, em <https://purl.pt/12032>

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. "Igreja de Nossa Senhora da Encarnação / Panteão da família Cunha, Olhalvo" (IPA.00004397). Disponível em: <http://www.monumentos.gov.pt/>

A Pequena Idade do Gelo | Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, acesso a junho 5, 2025, <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0012825217302283>

Testemunhos orais:

Pocariça: Susana Valente; José Damião Inácio; Joaquim Valente; João Pedro André; Helena Valente; Paulo Frazão; Rute Frazão; João Paulo André; Joaquim Silva.

Penafirme da Mata: João Cipriano; João Ferreira.

Olhalvo: Francisco Cipriano; Nelson Costa; Padre João Sobreiro.

Gaiteiros: Ana Margarida Silva; Joaquim Silva

Créditos/Ficha Técnica

Participantes no Documentário (por ordem de intervenção)

Susana Valente, João Cipriano, João Ferreira, Francisco Cipriano, José Damião Inácio, Nelson Costa, Joaquim Valente, Padre João Sobreiro, João Pedro André, Helena Valente, Paulo Frazão, Rute Frazão, João Paulo André, Joaquim Silva, Ana Margarida Silva, Nelson Dias

Participantes no Peditório
Organização do Círio de Olhalvo à Senhora da Nazaré 2024
Associação Recreativa da Pocariça

Famílias e amigos participantes no Círio (Pocariça)
Famílias e amigos participantes no Círio (Olhalvo)
Famílias e amigos participantes no Círio (Penafirme da Mata)
Sociedade Filarmónica Olhalvense

Produção e coordenação
Câmara Municipal de Alenquer
Vereação da Cultura e Divisão da Cultura e Identidade Territorial
Cláudia Luís
Filipe Soares Rogeiro

Realização
Memória Imaterial CRL
Filomena Sousa

Vídeo, Áudio e Edição
Memória Imaterial CRL
José Barbieri
Filomena Sousa

Fotografia e documentos
Memória Imaterial CRL
Francisco Cipriano
Joaquim Valente
Associação Recreativa da Pocariça

Música
Gaita de Foles: Joaquim Silva e Ana Silva
Coros Litúrgicos: Praticantes
Banda: Sociedade Filarmónica Olhalvense

Direitos de reprodução
MEMORIAMEDIA © 2017-2025 by Memória Imaterial CRL is licensed under CC BY-SA 4.0

Webpage e documentário: <https://memoriamedia.pt/index.php/tradicao/cirio-de-olhalvo>

2025